



O QUE LEVOU À GUERRA DO PARAGUAI? Interesses ingleses, questões territoriais ou o caráter autoritário de Solano López?

Fábio Liberato de Faria Tavares*

fabioliberatobh@yahoo.com.br

*Graduado em História, UFMG, Belo Horizonte, MG

Recebido em 15/05/12 – Aprovado em 09/07/12 – Publicado em 30/07/12

RESUMO:

A intenção deste artigo é fazer uma análise comparativa de dois pontos de vista sobre a Guerra do Paraguai que são frequentes nas aulas de História. Um foi construído no contexto da Guerra Fria o e outro é mais recente.

Palavras chave: Guerra, Paraguai, Solano López, Império.

ABSTRACT:

The intention of this article is to make a comparative analysis of two views on the War in Paraguay that are common in history classes. One was built in the context of Cold War you and others are more recent.

Keywords: War, Paraguay, Solano Lopez, Empire.

Introdução

Nesses quase 150 anos desde a invasão da Província de Mato Grosso pelas tropas paraguaias no dia 10 de Novembro de 1864, foram construídas diferentes versões para os motivos que levaram a mais sangrenta guerra da América do Sul. Até o final da primeira metade do século XX, predominou no Brasil uma linha historiográfica na qual o presidente paraguaio Francisco Solano López era colocado como um homem bárbaro e ambicioso, que estava disposto a tudo para tornar o Paraguai mais conhecido e poderoso. Além disso, era amplamente divulgado na época que ele queria se coroar “Imperador da

América do Sul”. Suas ameaças à paz no subcontinente e seu perfil autoritário teriam causado profunda aversão de Dom Pedro II, o que criou todo um campo para o confronto armado.

No fim do século XIX, surgiu no Paraguai, como forma de elevar a autoestima do povo e recuperar os direitos civis da família López, uma campanha para reabilitar a imagem do líder paraguaio. Esse movimento recebeu o nome de lopizmo. Já nos anos 1960, ganhou força uma campanha revisionista, encabeçada por marxistas, que tinha como objetivo construir a figura de Solano López como “herói antiimperialista”. Os defensores dessa tese colocam como grande responsável pela guerra à Inglaterra, e Argentina, Brasil e Uruguai teriam sido meros “ponta de lança” dos ingleses na destruição de um país que se desenvolvia autonomamente. Os autores dessa linha tentaram também estabelecer um paralelo com o modelo cubano e demonstrar que o liberalismo tanto no século XIX, como naqueles tempos (de ditaduras militares) sufocavam qualquer tentativa de desenvolvimento dos povos do sul.

Grandes expoentes dessa linha de pesquisa foram o argentino Leon Pomer, que se doutorou pela USP e escreveu a famosa obra “La Guerra Del Paraguay !Gran Negocio!” em 1968 e o autodidata brasileiro José Júlio Chiavenatto, autor do livro “ Genocídio Americano – A Guerra do Paraguai”, lançado em 1979 e grande sucesso durante os anos 1980 e parte dos anos 1990.

Atualmente existem historiadores que defendem que os reais motivos da

guerra foram territoriais e econômicos, além de consolidação dos Estados Nacionais. Como exemplo de defensor dessa tese há o historiador paulista Francisco Doratioto, professor de Relações Internacionais na Universidade de Brasília.

Paraguai isolado e autônomo?

O Paraguai se tornou independente depois de conflito com a Argentina, que queria manter o Vice Reino do Prata unido em 1811. Como forma de retaliação, a província de Buenos Aires criou entraves para o comércio guarani, pois o país não tinha litoral e dependia do porto portenho para seu comércio externo. Devido ao entrave o primeiro mandatário paraguaio, Gaspar Rodriguez de Francia, decidiu por um isolamento do país. Passou a perseguir a elite que tinha relações com os espanhóis ou com Buenos Aires e a Igreja Católica. Essa questão é complexa. Chiavenatto alega que essa perseguição se deu pelo fato de a Igreja ter explorado os índios guaranis e para equiparar todos os cidadãos. Já para Doratioto, essa perseguição se deu pelo fato de o papa Leão XII ter ordenado que os religiosos dessem apoio à realeza espanhola para que eles pudessem restabelecer laços de exploração com as ex-colônias.

No Paraguai de Francia, os grandes proprietários perderam suas terras e foram criadas as “estancias de la patria” onde o governo controlava a produção e que foi defendida pelos revisionistas como exemplo de equilíbrio social. Mas nos primeiros anos de independência houve utilização de mão de obra escrava e

sempre houve utilização de prisioneiros nos campos.

Devido ao isolamento, o Paraguai ficou sem acesso a crédito das casas inglesas em Buenos Aires. Por esse motivo, houve confisco de bens da burguesia pró-Espanha e Buenos Aires para bancar o seu processo de desenvolvimento. Mas é de comum acordo dos principais autores das diferentes linhas historiográficas que essa atitude deixou o país carente de uma classe dirigente, que acabou fazendo falta a esse país em vários momentos. Um exemplo disso é que só a partir do governo de Carlos Antonio López, pai de Solano é que passou a ocorrer pressões sobre Buenos Aires a respeito do uso do Rio da Prata. É importante destacar que a família López era da elite rural que tinha se estabelecido no interior do país para fugir das perseguições de Francia.

Os revisionistas defendiam que o Paraguai era o país mais progressista da América do Sul e tinha feito um desenvolvimento sem auxílio externo. Embora o Paraguai já na década de 1840 possuísse a única fundição do continente, Ibycuí, não tinha uma economia tão diferente da de seus vizinhos. Sua estrutura produtiva era baseada na produção de erva mate, madeira e tabaco, sendo inclusive rival do Brasil na exportação da primeira. Outro fato importante de ser destacado, é que em 1854, Francisco Solano López, foi enviado à Europa para equipar o exército e estabelecer acordos comerciais. Um desses com a empresa Blyth & CO possibilitou o armamento e o treinamento de soldados paraguaios, o que demonstra que o seu desenvolvimento dependia

de auxílio externo. E apesar de pequenas, as exportações paraguaias eram fundamentais para geração de capital destinados a compra de tecnologias do exterior. As exportações eram feitas pela província argentina de Corrientes que era aliada ao Paraguai e pela Villa de Itapuá. Fato importante a ser ressaltado é que a independência do Paraguai só foi formalmente declarada em 1842, e o Brasil foi o primeiro país a reconhecer sendo que mantinha representação diplomática lá desde 1824. Tudo isso reforça que o país não era completamente isolado e autônomo.

Questões Territoriais e Políticas

Desde sua independência em 1811, o Paraguai de Rodriguez de Francia exigia revisões quanto aos limites territoriais. Os paraguaios defendiam a utilização do Tratado de Santo Idelfonso de 1777 para definição das fronteiras, mas o Império desejava como critério o *uti possidetis*. Houve tensões que em 1829 culminam com a expulsão do representante brasileiro do Paraguai.

Também ocorreram problemas com relação à navegação no rio Paraguai, pois esse era o caminho mais rápido para a província de Mato Grosso. Em 1855, o Império manda navios de guerra ao Paraguai, mas eles acabam interceptados e não se chega a conclusões. Só em 1858 se entra em acordo com relação ao rio Paraguai.

Além disso, tanto Paraguai quanto o Brasil tinham interesse em participar mais

ativamente da política na Bacia do Prata para defesa dos seus interesses comerciais e de soberania. Mas para os revisionistas todos esses fatores eram secundários. A grande ameaça ao modelo de desenvolvimento do Paraguai era a Inglaterra, que tinha que manter o seu modelo de exploração de países inferiores e que não poderia deixar uma pequena peça destoar de sua grande engrenagem.

Aumento das tensões

De acordo com a historiografia revisionista, a partir da década de 1860 a Inglaterra começou a armar todo um cenário que iria levar a destruição do Paraguai. Começam fortes campanhas contra o Paraguai nos principais jornais do Brasil, Argentina e Uruguai financiados pelo capital inglês e em seguida a elaboração de um plano que levaria de fato a guerra, a invasão do Uruguai.

Em 1850 foi assinado um tratado no qual o Paraguai se comprometeria a defender a soberania uruguaia. Em 1864, sob a alegação de ferimento de direitos de brasileiros na fronteira do Brasil com o Uruguai, o Império, com apoio da Argentina invadiu o Uruguai para depor os integrantes do Partido Blanco e empossar Venâncio Flores do Partido Colorado. Essa invasão teria sido definida pela Missão Saraiva, que foi um instrumento que a Inglaterra usou para obrigar o Paraguai a entrar no confronto. O governo paraguaio, do lado dos Blancos avisou que se a invasão não terminasse, iria colocar o acordo em prática, e é isso que ele se vê obrigado a fazer. O curioso é que ao invés de

mandar tropas para o Uruguai, invade a província de Mato Grosso no Brasil e a de Corrientes na Argentina.

Mas é importante destacar que o Paraguai de Solano López tentava naquela época se impor como potência regional e resolver as questões territoriais com o Brasil. Além disso, usava o porto de Montevideu para o escoamento de sua produção. Solano López havia recebido informações da fraqueza do exército brasileiro, e pela posição geográfica do Paraguai acreditou que aquele seria um bom momento para resolver as questões territoriais. O Paraguai tinha um bom exército, mas López foi muito precipitado na ação, pois tinha poucos homens, afinal, a população paraguaia girava em torno de 400 a 800 mil habitantes, enquanto que Brasil já tinha mais de 9 milhões de habitantes e Argentina por volta de 2 milhões. Além disso, um navio com armamentos vindo da Inglaterra não pôde entrar no Paraguai, pois a guerra já havia começado e a navegação estava suspensa.

Um fato que os revisionistas não levam muito em consideração é que Inglaterra e Brasil estavam de relações cortadas por causa do Episódio Christie e seria um pouco absurdo nesse momento pensar em uma aliança para destruir o Paraguai. Também não levam em conta que o comércio exterior paraguaio girava em torno de 500 mil libras, enquanto que o da tríplice aliança era de 36 milhões de libras, ou seja, mercados muito mais interessantes para a Inglaterra. Os britânicos nem tinham interesse inicialmente com a guerra como

fica claro na carta do representante inglês Edward Thornton ao chanceler paraguaio José Berges, afinal, poderia haver danos ao comércio da região:

Muito agradeço a comunicação dos documentos importantes anexos à sua Nota Oficial de 17 p. Não posso deixar de deplora a necessidade de seu governo, segundo sua opinião romper as relações de amizade com o Brasil. V.E. já conhece meu pensamento sobre esse assunto. Creio que o Brasil, a julgar pelos documentos que vi, tem justos motivos de queixa contra o governo oriental e tem o direito de pedir satisfação pelas ofensas que seus súditos tiveram que agüentar. Também não tenho o menor motivo para suspeitar que o governo do Brasil tenha a menor intenção de ameaçar a independência da República Oriental do Paraguai. Contudo, devo reconhecer que o governo paraguaio é o melhor juiz do que mais convém a sua pátria e não me é permitido dizer nada contra as suas resoluções.

V.E. sabe que a Inglaterra também está em atrito com o Brasil, de modo que tanto por esse motivo, como pela falta de instruções de meu governo, não poderia fazer nada de oficial com o seu governo; mas particularmente sim, se puder servir, no mínimo que seja, para contribuir para a reconciliação dos dois países, espero que V.E não hesite em me utilizar.

Me atrevo a lembrar a V.E. sua promessa de enviar me alguma informação sobre a quantia total das contas da República. Quando V.E. tenha um momento para dedicar se a esse assunto, ficarei imensamente agradecido.

Ao mesmo tempo, suplico a V.E. que apresente meus respeitos ao Exmo. Senhor e que tenha certeza de minha mais alta consideração, com que tenho a honra de subscrever me.”¹

Com o desenrolar da guerra, passou a haver grande fluxo de capital britânico para os países da Tríplice Aliança, mas “capital não tem ideologia e busca a melhor remuneração associada ao menor risco”.² Pois apesar de ter conseguido sucesso num primeiro momento, a derrota paraguaia fica clara já em 1865.

A guerra e suas consequências

De ambos o lados se acreditava que o confronto teria curta duração, mas tragicamente não foi isso que ocorreu. A guerra durou quase seis anos, de

¹DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai, p. 90/91.

² Ibidem, p. 91.

1864 a 1870, e os fatores principais foram as indecisões da marinha brasileira, a dificuldade na formação de exércitos tanto no Brasil (que teve que utilizar grande número de escravos) quanto na Argentina e a própria resistência das tropas paraguaias. O número de mortos é bastante conflitante. Durante muito tempo foi divulgado que havia morrido até 600 mil paraguaios, sendo desses 99% da população masculina adulta, 100 mil brasileiros, 30 mil argentinos e 700 uruguaios totalizando 730700 vidas perdidas. Recentemente pesquisadores apontam o número de mortes entre 150000 a 200000 pessoas.³ Independente do número que se leve em consideração, esta foi uma das guerras mais sangrentas do século XIX.

O conflito destruiu por completo o Paraguai e praticamente impossibilitou a sua recuperação. Além disso, perdeu grandes extensões territoriais para Brasil e Argentina. Por outro lado, solidificou a formação do Estado Nacional Argentino. Para o Brasil a guerra significou ao mesmo tempo o ápice e o início do fim do reinado de Dom Pedro II, pois em seu início aumentou a sua popularidade, mas com a extensão do confronto houve desgaste de sua imagem. Além disso, o exército que até então tinha importância secundária ganhou prestígio e importância, e os principais líderes militares passaram a apoiar a causa republicana a partir da década de 1870 e a abolição da escravidão, pois tinham lutado ao lado dos escravos durante a guerra. Além disso, a dívida externa aumentou substancialmente.

³ BETHELL, Leslie. Todos contra o Paraguai. Revista de História da Biblioteca Nacional, Pg. 43.

Apesar de a Inglaterra ter se beneficiado do confronto ela não pode se considerada fomentadora, havia os interesses territoriais que eram insuperáveis. Chegou-se até a cogitar que os principais dirigentes de Brasil, Argentina e Uruguai, além dos paraguaios exilados na Argentina, eram da maçonaria, e que essa organização por ter princípios liberais lutava para depor López. Para os maçons, a presença inglesa na região era a representação dos princípios de civilização.

Considerações Finais

O derramamento de sangue no qual a América do Sul foi lançada na década de 1860 teve uma série de fatores que não se assemelham com que foi defendido por mais de décadas em escolas, universidades, imprensa, governos e que ainda é defendida por alguns ou mesmo repetida por professores de ensino básico que se formaram há algum tempo e não tiveram oportunidade de fazer cursos de atualização, extensão ou pós-graduação. A guerra não nasceu simplesmente para satisfazer o ego de Solano López, homem bárbaro e autoritário, como defendeu a imprensa da época e nem foi um confronto fomentado pela maior potência da época para destruir qualquer tentativa de desenvolvimento que fosse contra os seus interesses. É bem mais plausível pensar na guerra como consequência de problemas territoriais e comerciais entre os países da Bacia do Prata, pois o Paraguai nem se aproximava do modelo de desenvolvimento que muitos alegaram e nem tinha tanto potencial para exploração, afinal não tinha uma produção agrícola que se comparasse as

de Brasil e Argentina e nem havia em seu território riquezas minerais. E embora a Inglaterra realmente passasse por crise devido ao corte do envio de algodão causado pela Guerra de Secessão, essa deficiência foi logo suprida com produção brasileira, e mesmo que não tivesse sido suprida, não seria um país pequeno como o Paraguai que resolveria os problemas de um gigante como a Inglaterra.

Foi uma guerra que trouxe imenso atraso a Brasil e Paraguai, e isso ocorreu por ingerência de ambos os lados, pois nenhum dos principais envolvidos tentou evitar um confronto para o qual nenhum dos envolvidos estava realmente preparado. Essa visão da Inglaterra como culpada e Brasil, Argentina e Uruguai como meras pontas de lança imperou durante mais de 30 anos, mas é necessário se desfazer essa imagem que não ajuda em absolutamente nada na construção de um Paraguai moderno e justo. O próprio Chiavenatto assume o peso que as ditaduras militares tiveram em sua obra, embora continue sustentando o papel primordial da Inglaterra no conflito sul americano. Ainda hoje o autor enxerga o Paraguai do século XIX como uma espécie de Cuba da Guerra Fria⁴

Para se ter ideia da força dessa versão heroica de Solano López e da luta do povo paraguaio, mesmo essa imagem tendo sido reforçada por historiadores de esquerda ou autodidatas como Chiavenatto, ela foi apropriada por um ditador de direita, Alfredo Stroessner. Este governou o Paraguai por 35 anos e

⁴ NETO, Ernane Guimarães. “É impossível ser neutro”, diz Júlio José Chiavenatto, Pg. 6.

aprofundou ainda mais as desigualdades já existentes no país, além de ter perseguido, preso muitas vezes assassinado quem ousasse questioná-lo.

O que se espera é a construção de um Paraguai desenvolvido mais justo. Algumas tentativas nesse sentido estavam sendo feitas na gestão de Fernando Lugo, mas após um confronto entre a polícia e sem terras no dia 15 de junho último que terminou na morte de 17 pessoas entre policiais e manifestantes, ele foi tirado do poder no dia 21 de junho num processo de impeachment que teve duração de 24 horas (e que de acordo com as leis paraguaias foi legal), mostrando o quanto ainda é imatura a democracia do país⁵.

Deve haver o cuidado de não se permitir que a corrente revisionista volte a ganhar espaço pelas mãos de marxistas tanto do Brasil quanto do Paraguai, como forma de justificar os pleitos paraguaios sobre Itaipu. Eles são legítimos e devem ser discutidos com toda calma que uma questão complexa como essa exige, pois o Brasil não tem dívida histórica com o Paraguai. Seria interessante trabalhar esse tema com alunos de ensino médio comparando as duas versões. Já para alunos do ensino fundamental seria recomendado o trabalho com a linha historiográfica atual.

⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/fernando-lugo-e-cassado-e-deixa-presidencia-do-paraguai>

REFERENCIAS:

BETHELL, Leslie. Todos contra o Paraguai. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 7 (79): 40-46, abr. 2012.

CHIAVENATTO, José Júlio. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme. *História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870)* 130 anos depois. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n24/v9n24a12.pdf>

NETO, Ernane Guimarães. “É impossível ser neutro”, diz Júlio José Chiavenatto. Folha de São Paulo, 28 out. 2007. *Mais!* Pg. 6.

SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do imperador*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.